

Thomas Mann

∞

OS BUDDENBROOK

Declínio de Uma Família

Romance

Traduzido do alemão por  
Gilda Lopes Encarnação





Primeira Parte	9
Segunda Parte	45
Terceira Parte	79
Quarta Parte	145
Quinta Parte	211
Sexta Parte	257
Sétima Parte	331
Oitava Parte	367
Nona Parte	465
Décima Parte	511
Décima Primeira Parte	581

**Posfácio da edição portuguesa:**

Realidade	635
-----------	-----





## PRIMEIRA PARTE

### 1.

– COMO ERA? COMO... ERA...?

– Pois é, com os diabos, *c'est la question, ma très chère demoiselle!*

A consulesa Buddenbrook, sentada ao lado da sogra num sofá de costas direitas e estofos amarelos, cuja estrutura lacada de branco era coroada pela cabeça dourada de um leão, lançou um olhar ao marido, que se encontrava sentado perto de si numa poltrona, e apressou-se a socorrer a filhinha, que o avô, junto à janela, mantinha sobre os joelhos.

– Tony! – disse. – Creio que Deus...

E a pequena Antonie, de oito anos e constituição frágil e delicada, no seu vestidinho de seda vaporosa e furta-cores, afastou ligeiramente a linda cabeça loura do rosto do avô e dirigiu o olhar para o salão. Enquanto os olhos de um azul-acinzentado se detinham aqui e ali sem, contudo, nada verem, a menina tentava, com esforço, recordar-se da lição. Repetiu, uma vez mais:

– Como era? – E acrescentou devagar: – Creio que Deus... – e continuou rapidamente, ao mesmo tempo que o rosto se iluminava – me criou, a par de todas as outras criaturas...

Apanhando, de repente, o fio à meada, a menina, que irradiava felicidade, declamou, de um só fôlego, todo o trecho do catecismo, na versão revista recentemente, em 1835, e publicada sob os auspícios de um muito sábio e venerável senado. Depois de tomar embalagem – pensava ela –, era como deslizar de trenó com os irmãos no Inverno, pela encosta do Jerusalemberg abaixo, sem pensar em mais nada e sem conseguir deter a marcha, mesmo querendo.

– ... bem como à minha roupa e calçado – prosseguia –, comida e bebida, casa e quinta, mulher e filhos, terras e gado...

A estas palavras, o velho Monsieur Johann Buddenbrook não aguentou mais e desatou à gargalhada, no seu risinho agudo e abafado, que já há algum tempo fermentava, em surdina, no seu peito. Ria pelo prazer de ter oportunidade para trocar do catecismo e talvez essa tivesse sido a única razão que o levara a encenar aquele pequeno exame. Interessou-se pelas terras e pelo gado de Tony, perguntou-lhe quanto pedia por saca de trigo e prontificou-se para fechar negócio com ela. O seu rosto redondo e bondoso, levemente rosado e emoldurado por madeixas empoadas e alvas como a neve, era completamente adverso a qualquer expressão de malícia. Uma espécie de pequeno rabicho, quase imperceptível, caía-lhe sobre a gola larga do casaco cinzento-rato. Com os seus setenta anos, o ancião conservava-se fiel à moda dos seus tempos de rapaz. Ainda que tivesse renunciado aos alamares e aos bolsos de grande dimensão, nunca usara calças compridas na vida. A papada descansava, larga e satisfeita, sobre o peitilho de renda branca, numa expressão de bem-estar.

Todos se juntaram à sua gargalhada, sobretudo pelo respeito que tinham pela figura do chefe de família. Madame Antoinette Buddenbrook, Duchamps em solteira, soltava exactamente as mesmas risadas abafadas do marido. Era uma senhora corpulenta, cujo cabelo branco caía em cachos grossos sobre as orelhas. Trajava um vestido preto listrado de cinzento-claro, sem adornos, o que evidenciava a sua simplicidade e discrição. As mãos brancas, ainda belas, repousavam no colo, segurando uma pequena bolsa de veludo. Com o passar dos anos, os traços do seu rosto haviam curiosamente começado a assemelhar-se aos do marido. Só o recorte e a vivacidade dos olhos escuros traíam, em parte, as suas origens semilatinas, já que descendia, pelo lado do avô, de uma família franco-suíça. Ela própria nascera em Hamburgo.

A nora, a consulesa Elisabeth Buddenbrook, Kröger em solteira, ria-se como todos os Kröger, ou seja, começava por soltar um sopro dos lábios, ao mesmo tempo que premia o queixo contra o peito. Como todos os Kröger, a sua figura era de uma extrema elegância e, ainda que não fosse propriamente uma beldade, a sua voz clara e discreta e os seus gestos serenos, seguros e suaves infundiam, em todos à sua volta, uma sensação de lucidez e de confiança. O cabelo arruivado e preso num pequeno carrapito no alto da cabeça, deixando pender sobre as orelhas alguns caracóis largos e frisados, estava em perfeita harmonia com a tez de uma alvura e delicadeza extraordinárias, salpicada de pequenas sardas aqui e ali. A particularidade daquele rosto, que exibía um nariz um tanto ou quanto comprido e uma boca demasiado pequena, consistia na ausência de concavidade entre o lábio inferior e o queixo. Vestia uma blusa curta e justa, de mangas tufadas, e uma saia de

seda muito leve, também ela justa, de um padrão claro e às flores. O colo, de uma beleza perfeita, que a blusa deixava entrever, estava adornado com uma fita de cetim na qual cintilava uma jóia formada por grandes diamantes.

O cônsul, sentado na sua poltrona, inclinou-se para a frente, num gesto que traduzia algum nervosismo. Vestia um casaco cor de canela de lapelas largas e mangas em forma de sino, que se afunilavam apenas na zona do pulso. As calças justas eram de uma fazenda branca lavável, com duas listras pretas laterais. À volta do colarinho alto e engomado, em que o queixo se aninhava, passava uma gravata larga de seda que enchia toda a abertura do colete lavrado... Do pai herdara os olhos algo encovados, azuis e atentos, se bem que a sua expressão fosse talvez mais sonhadora. As feições eram, contudo, mais sérias e duras, com o nariz adunco destacando-se fortemente. As faces, cobertas até meia altura por uma barba louira e encaracolada, eram muito menos carnudas que as do ancião.

Madame Buddenbrook dirigiu-se à nora, tocando-lhe no braço, ao mesmo tempo que dizia num risinho abafado, olhando para o colo da consulesa:

– Oh, *mon vieux*, sempre igual a si mesmo, não é, Bethsy? – A velha senhora dizia «sempre» em vez de «sempre».

A consulesa, sem responder, limitou-se a levantar a sua mão delicada, de modo que a pulseira de ouro tiniu ao de leve. A seguir, num dos seus gestos característicos, passou a mão pelo canto da boca e levou-a ao cabelo, como se aninhasse, no carrapito, uma mecha desprendida.

O cônsul, porém, interveio, com um misto de condescendência e censura na voz:

– Ora, ora, meu pai, outra vez a fazer troça das coisas mais sagradas!

A família achava-se reunida na «sala das paisagens», no primeiro piso da antiga e espaçosa mansão da Mengstraße. A firma «Johann Buddenbrook» tinha-a adquirido algum tempo atrás e os Buddenbrook haviam-se instalado recentemente naquela casa. As tapeçarias espessas e elásticas que revestiam a sala, deixando um pequeno espaço livre entre a tela e a parede, representavam extensas paisagens pintadas em tons suaves, em harmonia com o tapete fino que cobria o chão, idílios ao gosto do século XVIII, com vinhateiros alegres e camponeses zelosos, pastoras enfeitadas com fitas coloridas que levavam ao colo cordeiros imaculados ou trocavam beijos com pastores doces e meigos à beira das águas cintilantes de um qualquer lago... A maior parte das paisagens era emoldurada por um pôr-do-sol em tonalidades douradas, o que combinava na perfeição com o estofa amarelo dos móveis lacados de branco e com as cortinas de seda amarela das duas janelas.

Em relação à dimensão da sala, o mobiliário não era abundante. A mesa redonda de pernas finas e direitas, ornamentadas com um ligeiro tom dourado, não fora colocada diante do sofá, mas sim na parede oposta, em frente de um pequeno órgão sobre cujo tampo se achava um estojo de flauta. Para além das poltronas sóbrias dispostas regularmente ao longo das paredes, apenas se via uma pequena mesa de costura junto à janela e, em frente do sofá, uma escrivaninha, delicada e luxuosa, recheada de *bibelots*.

Através de uma porta envidraçada paralela às janelas entrevia-se, imerso na penumbra, um átrio com colunas, enquanto que, à esquerda de quem entrava, se erguia a porta alta e branca de dois batentes que conduzia à sala de jantar. Na parede oposta, num nicho semicircular protegido por uma porta de ferro forjado, prodigiosamente trabalhada e reluzente, crepitavam as achas do fogão de sala.

A verdade é que o frio chegara antes de tempo. Lá fora, no outro lado da rua, já as folhas das pequenas tílias que rodeavam o cemitério de Santa Maria começavam naquele momento, meados de Outubro, a ficar amarelas. O vento assobiava pelos cantos e recantos da imponente igreja gótica, ao mesmo tempo que caía uma chuva fria e fininha. Em atenção a Madame Buddenbrook, avó, já se encontravam colocadas as janelas duplas.

Era quinta-feira, o dia em que, por regra, de duas em duas semanas, a família se reunia. Naquele dia, porém, não só os familiares residentes na cidade tinham sido convidados para um almoço, simples e informal, como também alguns bons amigos da casa. Por essa razão se encontravam os Buddenbrook na sala, pelas quatro horas da tarde, já o crepúsculo se insinuava, à espera dos convidados...

A pequena Antonie não se deixara perturbar pelo avô, na sua viagem de trenó. O lábio superior, já de si um tanto saliente em relação ao inferior, avançara apenas um pouco mais, em sinal de vago amuo. Chegara ao sopé do Jerusalemsberg e, incapaz de deter a marcha, agora que ganhara pleno fôlego, acabou por ultrapassar a meta...

– Ámen – disse. – Avô, queres que te ensine uma coisa?

– *Tiens!* Ela quer ensinar-me uma coisa! – exclamou o ancião, fingindo-se incapaz de conter a curiosidade. – Ouviste bem, mamã? Ela tem algo para nos ensinar! Será que ninguém me pode dizer...

– A um raio com faíscas – explicava Tony, assentindo com a cabeça à medida que pronunciava as palavras – chama-se relâmpago. Um raio sem faíscas é um trovão!

Ao terminar, cruzou os braços e olhou para os rostos sorridentes à sua volta, segura da sua vitória. O senhor Buddenbrook não achou, todavia,



graça à lição e insistiu em saber quem havia ensinado tal disparate à criança. Quando se chegou à conclusão de que fora Ida Jungmann, a ama recentemente contratada para tomar conta da criança, natural de Marienwerder, o cônsul foi obrigado a interceder por ela.

– O papá está a ser demasiado severo. Porque não haveria uma criança, na sua idade, de ter as suas próprias fantasias sobre estas coisas?

– *Excusez, mon cher!... Mais c'est une folie!* Sabes bem como abomino quando tentam toldar a cabeça das crianças! O quê?! O trovão é um raio sem faíscas? Pois que raios a partam! O diabo que carregue a vossa prussiana...

A verdade era que o velho senhor não morria de amores por Ida Jungmann. Não se podia dizer que fosse um homem de horizontes estreitos. Andara por fora, conhecia alguma coisa do mundo, em 1813 viajara para o sul da Alemanha num carro puxado por quatro cavalos, a fim de comprar trigo para o exército prussiano, conhecia Amesterdão e Paris e, como homem esclarecido que era, não chegava ao ponto de condenar tudo o que existia para lá das portas da cidade natal com os seus frontões medievais. Abstraindo, porém, das suas relações profissionais, sentia-se inclinado, mais do que o filho, o cônsul, a movimentar-se, no contexto da vida social, dentro de limites rígidos, aceitando de mau grado forasteiros no seu círculo. Quando, por isso, um dia, os filhos, durante uma viagem à Prússia Ocidental, encontraram aquela jovem – Ida completara agora vinte anos – e a trouxeram para casa, como se se tratasse de uma criança desamparada – uma órfã, filha de um estalajadeiro que morrera pouco antes da chegada dos Buddenbrook a Marienwerder –, o cônsul, como recompensa pela sua acção samaritana, teve de enfrentar a ira do pai e uma discussão conduzida quase exclusivamente em francês e baixo-alemão... Ida Jungmann revelava, todavia, uma eficiência esmerada na lida da casa e no trato das crianças. A lealdade que demonstrava e as ideias prussianas que cultivava acerca da hierarquia social faziam com que fosse, no fundo, talhada na perfeição para as funções que exercia naquela casa. Era uma pessoa de princípios aristocráticos. Fazia uma distinção apuradíssima entre classe alta e média, assim como entre média alta e baixa, sentindo orgulho em pertencer à classe mais alta na qualidade de serviçal fiel e dedicada. Por essa razão não viu com bons olhos, quando, certa ocasião, Tony travou amizade com uma colega da escola que, segundo os cálculos da menina Jungmann, pertenceria apenas à classe média...

A prussiana apareceu nesse momento no átrio das colunas e entrou pela porta envidraçada. Era uma rapariga bastante alta, ossuda de constituição, cabelo liso e rosto honesto. Trazia um vestido preto e conduzia a pequena Klothilde pela mão, uma criança extremamente magra, de vestido de chita

estampado, cabelo baço, louro-cinza, e rosto taciturno de velha solteirona. Descendia de uma linha colateral dos Buddenbrook, um ramo sem fortuna pessoal alguma. Era filha de um sobrinho do patriarca que trabalhava perto de Rostock como feitor. Como tinha a mesma idade de Antonie e era uma menina obediente, a família recebera-a em casa e encarregava-se da sua educação.

– Está tudo pronto – anunciou a menina Jungmann, enrolando o «r», som que, a princípio, não conseguia pronunciar de todo. – A Klothilde deu-nos uma boa ajuda na cozinha, a Trina quase não precisou de fazer nada...

A pronúncia estranha de Ida levou Monsieur Buddenbrook a esboçar um sorriso trocista, que ele dissimulou, olhando para as rendas do peitilho. O cônsul fez uma festa na face da sobrinha e disse:

– Muito bem, Thilda. Ora e labora, como diz o ditado. A nossa Tony é que devia seguir-lhe o exemplo, já que tende demasiado para a preguiça e as travessuras...

Tony baixou a cabeça e olhou de soslaio para o avô, sabendo que ele iria tomar o seu partido, como sempre acontecia.

– Não, não – avisou este –, cabeça ao alto, Tony, *courage!* Cada um de nós tem os seus méritos. Cada um a seu modo. A Thilda porta-se bem, mas nós também não lhe ficamos atrás. São palavras *raisonables*, não são, Betsy?

Dirigia-se à nora, que lhe costumava dar razão, ao passo que Madame Antoinette, mais por prudência do que por convicção, tomava, regra geral, o partido do cônsul. Desta forma se equilibravam, por assim dizer, os pratos da balança entre as duas gerações.

– São palavras muito bondosas da sua parte, papá – respondeu a consulesa. – Tony irá esforçar-se por ser uma menina inteligente e aplicada... Os meninos já regressaram da escola? – perguntou, dirigindo-se a Ida.

Mas já Tony, que, do colo do avô, via o que se passava na rua pelo espelho colocado junto à janela, anunciava, quase em simultâneo:

– O Tom e o Christian vêm a subir a Johannisstraße... com o senhor Hoffstede... e o senhor doutor...

O carrilhão da igreja de Santa Maria iniciou um cântico – ding, dong, ding, dong –, em compasso bastante desacertado, de modo que não se conseguia identificar, com precisão, a melodia. Mas fosse o que fosse, era tocado com grande solenidade. Enquanto os sinos anunciavam alegre e formalmente as quatro horas da tarde, a campainha da porta principal ressoava, estridente, lá em baixo, através do amplo vestíbulo. Era, com efeito, Tom e Christian que chegavam, na companhia dos primeiros convidados, Jean Jacques Hoffstede, o poeta, e o doutor Grabow, médico da família.

2.

O SENHOR JEAN JACQUES HOFFSTEDTE, O POETA DA CIDADE, QUE DECERTO também naquele dia teria guardada na algibeira meia dúzia de quadras, não era muito mais novo do que Johann Buddenbrook, pai, e, exceção feita ao casaco de cor verde, tinha o mesmo gosto quanto ao vestuário. Era, contudo, mais magro e ágil do que o seu velho amigo. Os olhos eram pequeninos e esverdeados, muito vivos, e o nariz comprido e afilado.

– Muito obrigado – disse, depois de ter apertado a mão aos cavalheiros presentes e de ter cumprimento as senhoras – em especial a consulesa, que ele venerava muito particularmente – com algumas das suas vénias mais selectas, daquelas que a nova geração já não conseguia, pura e simplesmente, imitar, vénias que ele fazia acompanhar de um sorriso mudo e amável. – Muito obrigado pelo simpático convite, meus estimados amigos. Encontrámos estes dois jovens – disse, apontando para Tom e Christian que se achavam a seu lado, nas suas batas azuis apertadas com cintos de cabedal – na Königstraße, quando voltavam das aulas. Rapazes formidáveis... não é verdade, senhora consulesa? Thomas tem um carácter sólido e sério, de certeza que vai ser comerciante, disso não restam dúvidas. Christian, por sua vez, parece-me um pouco endiabrado, será que tenho razão? Um pouco *incroyable*... Não posso, contudo, esconder o meu *engouement*. Entrará na universidade, quer-me parecer. É um rapaz cheio de graça e com uma dotação brilhante.

O senhor Buddenbrook serviu-se da caixinha dourada de rapé.

– Um macaquinho é o que ele é! Não seria melhor ele enveredar logo pela carreira de poeta, Hoffstede?

A menina Jungmann correu as cortinas. A sala foi de imediato inundada pela luz algo trémula, mas discreta e agradável, das velas do lustre e dos candelabros colocados sobre a escrivaninha.

– Então, Christian – perguntou a consulesa, cujo cabelo luzia, dourado, à luz da vela –, o que foi que aprendeste esta tarde?

E Christian contou que tivera leitura, aritmética e canto.

Era um rapazinho de sete anos, tão parecido já com o pai que se tornava quase ridículo. Tinha os mesmos olhos redondos e pequeninos, encovados também, e o nariz adunco destacava-se já com bastante nitidez. As linhas que se formavam por baixo das maçãs do rosto deixavam prever que aquela fisionomia infantil não manteria eternamente as suas formas redondas e carnudas.

– Fartámo-nos de rir – começou ele a narrar, cheio de vivacidade, enquanto os olhos fixavam um e outro rosto. – Ora ouçam só o que o senhor Stengel disse a Siegmund Köstermann. – Inclinou-se para a frente, abanou a cabeça e começou a falar com veemência para um interlocutor invisível. – Por fora, meu rapaz, por fora tens um aspecto elegante e impecável, sem dúvida, mas por dentro, meu rapaz, por dentro és mesmo preto...

Christian proferia estas palavras omitindo os «erres», de modo que dizia «peto» em vez de «preto» e «foa» em vez de «fora», ao mesmo tempo que a fisionomia reproduzia com tanta convicção e comicidade o desdém do professor por aquele aspecto elegante e impecável por «foa», que todos desataram à gargalhada.

– Um macaquinho é o que ele é! – repetiu o velho Buddenbrook, no seu risinho abafado.

O senhor Hoffstede, porém, não cabia em si de deslumbramento.

– *Charmant!* – exclamou. – Inexcedível! Só quem conhece Marcellus Stengel pode fazer uma ideia! É ele, sem tirar nem pôr! Não, é de facto prodigioso!

Thomas, que não era dotado de semelhante talento, conservava-se ao lado do irmão mais novo e ria a bom rir, com efusão e sem inveja. Os seus dentes, demasiado pequenos e amarelos, não se podiam considerar especialmente bonitos. Tinha, todavia, um nariz de recorte fino e delicado. Os olhos e as feições faziam lembrar muito o avô.

A família e os convidados haviam-se entretanto instalado, na maior parte dos casos, nas cadeiras e no sofá. Conversavam distraidamente com as crianças, falavam do frio prematuro, da casa... O senhor Hoffstede dirigia a sua atenção para um magnífico tinteiro de porcelana de Sèvres, em forma de cão de caça malhado de negro, que se encontrava sobre a escrivaninha. O doutor Grabow, que andaria pela idade do cônsul, de suíças pouco fartas e rosto comprido e bondoso, dedicava-se, por seu lado, à contemplação dos bolos e do pão de sultanas que se encontravam sobre a mesa, bem como dos vários saleiros de formatos diversos. Simbolizavam «o sal e o pão», presente usual quando alguém mudava de casa, que alguns parentes e amigos haviam enviado aos Buddenbrook. Como importava, contudo, fazer notar que a dádiva não era de proveniência humilde, adicionara-se açúcar e especiarias à massa do pão e colocara-se o sal em recipientes de ouro maciço.

– Parece que vai sobrar trabalho para mim – disse o médico, apontando para os doces, em sinal de advertência às crianças.

A seguir, assentindo com a cabeça num gesto de aprovação, ergueu uma requintada peça composta de saleiro, pimenteiro e taça para a mostarda.

– Oferta de Lebrecht Kröger – disse Monsieur Buddenbrook, sorrindo de satisfação. – Sempre atencioso, o meu querido parente. Não lhe ofereci nada do género quando ele mandou construir a vivenda perto do Burgtor. Mas ele sempre foi assim... generoso, obsequiador! Um cavalheiro *à la mode*...

Já por diversas vezes que a campainha ressoara, estridente, por toda a casa. Chegara o pastor Wunderlich, um senhor idoso e atarracado, de casaco preto comprido, cabelo empoado e tez branca. No rosto bem-disposto e bonacheirão do pastor piscavam dois olhos cinzentos e alegres. Viúvo havia muitos anos, incluía-se a si próprio no grupo dos solteirões de antigamente, juntamente com o corretor Grätjens, que o acompanhava, homem alto que tinha a mania de colocar uma das mãos magras em frente da vista, à laia de óculo, como se examinasse um quadro. O senhor Grätjens era um perito de arte de grande reputação.

Chegaram depois o senador Langhals e sua mulher, amigos da família havia muitos anos, assim como o negociante de vinhos Köppen, de cara gorda e muito vermelha, assente sobre os chumaços das mangas, na companhia de sua esposa, também ela bastante corpulenta...

Já passava das quatro e meia quando, por fim, se apresentaram os Kröger, nas suas diversas gerações, o cônsul e a consulesa Kröger com os filhos, Jakob e Jürgen, que andavam pelas idades de Tom e Christian. Quase ao mesmo tempo entraram também os pais da consulesa Kröger, o senhor Oeverdieck, negociante de madeira, e sua esposa, um casal idoso que não se poupava a demonstrações de ternura, trocando nomes carinhosos, à laia de namorados, perante quem quer que fosse.

– Gente fina chega sempre mais tarde – sentenciou o cônsul Buddenbrook, ao mesmo tempo que beijava a mão da sogra.

– Mas quando chega, faz-se representar – acrescentou Johann Buddenbrook, esboçando com o braço um vasto círculo que abrangia toda a família Kröger. A seguir, apertou a mão do velho Kröger...

Lebrecht Kröger, o cavalheiro *à la mode*, era uma figura alta e distinta, de cabelo levemente empoado mas vestido à moda da época. O colete de veludo exibia duas fileiras de botões cintilantes, compostos de pedras preciosas. Justus, o filho, de suíças pequenas e bigode de pontas reviradas, era muito parecido, em constituição e maneiras, com o pai. Até os movimentos elegantes que as mãos de um e de outro descreviam no ar se assemelhavam.

Os convidados mantinham-se de pé, conversando despreocupada e tranquilamente, enquanto aguardavam que chegasse o anúncio principal. E já Johann Buddenbrook, pai, oferecia o braço a Madame Köppen, ao mesmo tempo que dizia em voz bem audível:

– Bem, uma vez que estamos todos com apetite, *mesdames et messieurs...*

A menina Jungmann e a criada abriram a porta branca que conduzia à sala de jantar. A passo lento, com uma tranquilidade confiante, o grupo caminhou nessa direção. Em casa dos Buddenbrook, era mais do que certa uma refeição copiosa...

3.

QUANDO O GRUPO INICIOU A MARCHA, O JOVEM CÔNSUL BUDDENBROOK LEVOU a mão ao lado esquerdo do casaco, certificando-se de que, no bolso interior, se encontrava um certo papel. O sorriso circunstancial desaparecera de repente do seu rosto e dera lugar a uma expressão tensa e preocupada. Via-se como os músculos das têmporas se moviam, como se o cônsul cerrasse os dentes. Fingiu dar alguns passos na direção da sala de jantar, mas deteve a marcha logo de seguida, procurando a mãe com o olhar. Madame Buddenbrook, na cauda da fila, preparava-se nesse momento para transpor a soleira, pelo braço do pastor Wunderlich...

– Queira desculpar, meu caro pastor... Só duas palavras, mamã!

Depois de o pastor ter consentido com um aceno jovial da cabeça, o cônsul Buddenbrook levou a mãe de volta à «sala das paisagens», conduzindo-a até à janela.

– Para ser breve: chegou uma carta de Gotthold – disse, depressa e em voz baixa, ao mesmo tempo que fixava os olhos escuros e perplexos da mãe e retirava o papel dobrado e lacrado da algibeira. – É a letra dele... E já é a terceira carta que escreve. O papá só respondeu à primeira... O que devemos fazer? Chegou às duas horas, há muito tempo que lha deveria ter dado, mas não lhe quis estragar o dia. O que acha? Ainda o poderíamos chamar cá fora...

– Não, tens razão, Jean, o assunto pode esperar! – respondeu Madame Buddenbrook, tocando ao de leve no braço do filho, como era seu hábito. – O que será que a carta diz? – acrescentou, inquieta. – O rapaz não desiste. Insiste obstinadamente na indemnização pela parte que lhe cabe na casa... Não, não, Jean, não o vamos incomodar agora com isso... Talvez à noite, antes de se deitar...

– Que devemos fazer? – repetiu o cônsul, baixando a cabeça e meneando-a. – Eu próprio tive muitas vezes vontade de pedir ao papá que cedesse... Não quero que as pessoas pensem que eu, o meio-irmão, me instalei em casa dos pais para fazer intrigas contra Gotthold... Devo evitar esta falsa ideia, até por consideração para com o pai. Mas, para ser sincero... eu sou, ao fim

e ao cabo, sócio da empresa. Para além do mais, Bethsy e eu pagamos renda, por enquanto, pelo segundo andar, como qualquer outra pessoa... Quanto à mana, em Frankfurt, está tudo arrumado. O marido receberá, ainda em vida do papá, uma indemnização, a quarta parte apenas do preço real da casa... Foi um negócio lucrativo, que o papá soube tratar da melhor maneira e que se mostra extremamente vantajoso para a firma. Mas se o papá tem tantas reservas em relação a Gotthold, então...

– Que disparate, Jean, a tua posição em relação ao assunto é perfeitamente clara. O problema é que Gotthold pensa que eu, sua madrastra, só me interesso pelos meus próprios filhos e que contribuo intencionalmente para o afastar do pai. É isto que é triste no meio de tudo...

– Mas o culpado de tudo isto só é ele! – exclamou o cônsul, quase em voz alta, após o que moderou o tom da voz, ao mesmo tempo que lançava um olhar para a sala de jantar. – A culpa desta situação triste e lamentável só é dele! Veja só: por que razão não há-de ele agir com bom senso? Por que razão casou com aquela Demoiselle Stüwing e com aquela... loja? – O cônsul riu a estas palavras, entre descontente e embaraçado. – É um dos fracos do papá, aquela sua aversão à loja. Mas Gotthold devia ter respeitado essa sua pequena presunção...

– Ah, Jean, o melhor ainda seria que o teu pai cedesse!

– Mas quem sou eu para o aconselhar a tal coisa? – sussurrou o cônsul, passando nervosamente a mão pela testa. – Sou uma das partes interessadas, pelo que lhe deveria dizer: pague, meu pai. Mas, por outro lado, também sou sócio, devo defender os interesses da firma, e se o papá não se sente obrigado a debitar esse montante da conta da empresa a favor de um filho desobediente e rebelde... Trata-se ainda de onze mil táleres, é muito dinheiro... Não, não o posso aconselhar a fazer uma coisa dessas... mas também não o devo dissuadir. O melhor é não me meter no assunto. O que me é muito *désagréable* é só a cena com o papá...

– Mais tarde, Jean, à noitinha. Vamos agora, estão todos à espera...

O cônsul guardou o papel no bolso de dentro, ofereceu o braço à mãe e assim, de braço dado, transpuseram a soleira da sala de jantar, totalmente iluminada. Os convidados e a família acabavam de tomar os respectivos lugares em torno da mesa comprida.

A sala era dominada pelo fundo azul-celeste das tapeçarias em que se destacavam, por entre colunas esguias e de um modo quase plástico, várias estatuetas brancas de divindades. As pesadas cortinas vermelhas estavam cerradas, sendo a sala iluminada por candelabros altos e dourados de oito velas, colocados aos quatro cantos, bem como por castiçais de prata que

repousavam sobre a mesa da refeição. Por cima do pesado aparador, situado defronte da «sala das paisagens», erguia-se um quadro de grandes proporções representando um golfo italiano, imerso numa bruma azulada, tonalidade que, no meio da luminosidade trémula das velas, produzia um efeito notável. Encostados às paredes, alinhavam-se vários sofás imponentes, de encosto direito e forrados de damasco carmesim.

Quando Madame Buddenbrook se sentou à mesa, entre o velho Kröger, sentado na cabeceira do lado da janela, e o pastor Wunderlich, todos os traços de apreensão e desassossego haviam desaparecido do seu rosto.

– *Bon appétit!* – desejou com um leve aceno de cabeça, rápido e caloroso, como lhe era característico, lançando um olhar fugidio a todos os convivas, incluindo as crianças...

#### 4.

– REPITO, CARO BUDDENBROOK: O SENHOR ESTÁ VERDADEIRAMENTE DE parabéns! – exclamou o senhor Köppen, numa voz sonante que se sobrepuja às vozes dos demais comensais.

A criada, de antebraços nus e vermelhos, com a sua saia de fazenda grossa às riscas e uma pequena touca branca na cabeça, acabara de servir a sopa quente de legumes, acompanhada de pão torrado, e começara a ouvir-se o movimento discreto das colheres. Era auxiliada pela menina Jungmann e pela criada da consulesa, que trabalhava no piso superior.

– Está verdadeiramente de parabéns! Este espaço generoso, esta *noblesse*... Convenhamos, assim, sim, que se pode viver, convenhamos...

O senhor Köppen não havia convivido com os antigos inquilinos da casa. Não descendia propriamente de uma família aristocrática, nem fora sempre rico. Ainda não perdera o costume de recorrer a certas expressões menos elegantes, como «convenhamos», e dizia «verdadeiramente» em vez de «verdadeiramente».

– E não custou quase nada – observou, de modo seco, o senhor Grätjens, o entendido no assunto. Fechou a mão em forma de óculo e pôs-se a examinar cuidadosamente o golfo italiano.

Os convidados para o almoço haviam-se misturado tanto quanto possível, tendo-se alternado, à mesa, os lugares da família Buddenbrook com os amigos da casa. Mas nem sempre esta disposição pôde ser seguida, acabando o senhor e a senhora Oeverdieck por ficarem sentados lado a lado, quase ao colo um do outro, como era costume, passando o tempo a trocarem olhares afectuosos.



O velho Kröger, no entanto, presidia à mesa, alto e direito, entre a esposa do senador Langhals e Madame Antoinette, gesticulando ora para um lado, ora para outro, e distribuindo os seus gracejos discretos pelas duas senhoras.

– Quando é que a casa foi construída? – perguntou o senhor Hoffstede ao velho Buddenbrook por cima da mesa. O patriarca mantinha uma conversação jovial e de alguma ironia com Madame Köppen.

– Foi no ano... espera lá... Por volta de 1680, se não estou em erro. Mas o meu filho está mais a par dessas datas...

– Oitenta e dois – corrigiu o cônsul, inclinando-se para a frente. Estava sentado na outra ponta da mesa, junto do senador Langhals, sem companhia feminina ao lado. – Ficou terminada no Inverno de 1682. Na altura em que Ratenkamp & Co. ia de vento em popa... É uma tristeza assistir ao declínio da firma nestes últimos vinte anos...

A conversa interrompeu-se durante uns breves segundos. Os comensais olhavam para o prato, recordando aquela família que, tão próspera em tempos passados, mandara construir e habitara aquela casa, para depois ser obrigada a abandoná-la, na miséria e na ruína...

– Pois é, uma tristeza – confirmou o corretor Grätjens –, sobretudo se pensarmos na loucura que estive na origem dessa ruína... Se Dietrich Ratenkamp não tivesse ao menos escolhido aquele Geelmaack para sócio! Só Deus sabe como levei as mãos à cabeça quando ele começou a administrar a empresa. Sei de fonte fidedigna, meus senhores, que se entregou a especulações medonhas nas costas de Ratenkamp, abrindo contas e assinando letras, tudo sempre em nome da firma... Até que tudo chegou ao fim... Os bancos começaram a ficar desconfiados, os cheques não tinham cobertura... Os senhores nem imaginam... Acham que alguém controlava, ao menos, o armazém? Que Geelmaack o faria? Todos encheram os bolsos durante anos a fio, sem que Ratenkamp se importasse com isso...

– Parecia paralisado – comentou o cônsul. A sua fisionomia ganhara uma expressão sombria e taciturna. De tronco inclinado para a mesa, mexia a sopa com a colher, ao mesmo tempo que os seus olhos pequeninos, redondos e encovados se fixavam, de quando em vez, na extremidade oposta da mesa. – O homem parecia que carregava um peso às costas e não será difícil perceber que peso era esse. Que lhe teria passado pela cabeça para se associar a Geelmaack, que quase não tinha capital para investir e cuja reputação não era das melhores? Creio que ele sentiu necessidade de dividir com alguém a sua terrível responsabilidade, sabendo que a firma se aproximava fatalmente do fim... A firma estava arruinada, a família, naqueles moldes tradicionais, obsoleta. Wilhelm Geelmaack foi apenas a última gota de água...

– O senhor é, então, de opinião, prezado cônsul – perguntou o pastor Wunderlich esboçando um sorriso reservado e servindo-se, a si e à sua companheira de mesa, de algum vinho tinto –, de que tudo se teria passado da forma como se passou, mesmo que Geelmaack não tivesse entrado na firma e agido com tanta irresponsabilidade?

– Bem, não iria tão longe – respondeu o cônsul, pensativo e sem se dirigir a ninguém em particular. – Mas sou levado a crer que, por qualquer razão imperiosa e inevitável, Dietrich Ratenkamp foi forçado a associar-se a Geelmaack para que o destino se pudesse cumprir... Deve ter agido sob o peso de uma necessidade implacável... Ah, tenho a certeza de que ele, de alguma forma, conhecia os negócios do seu sócio e que também sabia, pelo menos em parte, o que se passava no armazém. Mas estava como que paralisado...

– *Assez*, Jean – disse o velho Buddenbrook, pousando a colher. – Mais uma das tuas *idées*...

O cônsul, com um sorriso distraído nos lábios, ergueu o copo na direcção do pai. Foi Lebrecht Kröger quem interveio:

– Meus senhores, regressemos ao nosso alegre presente!

Com um movimento cauteloso e elegante, pegou no gargalo da sua garrafa de vinho branco, cuja rolha exibia um pequeno veado prateado, inclinou-a ligeiramente e examinou com toda a atenção o rótulo. Ao deparar com as palavras «C. F. Köppen», fez um aceno de cabeça na direcção do negociante de vinhos e disse:

– Pois, pois, o que seria de nós sem o senhor!

As criadas trocaram os pratos de porcelana de Meißen, de rebordo dourado, controladas de perto por Madame Antoinette, que lhes seguia os movimentos. A menina Jungmann deu ordens pelo porta-voz que ligava a sala de jantar à cozinha. A travessa do peixe foi colocada na mesa. Enquanto o pastor se servia com cuidado, começou a contar:

– Não pensemos, todavia, que o nosso alegre presente é de uma total evidência. Talvez os jovens que aqui hoje festejam connosco, os mais velhos, não saibam que nem sempre os tempos foram tão alegres... Posso dizer que participei pessoalmente, e não raras vezes, no destino dos nossos amigos Buddenbrook... Sempre que olho para estas coisas – e, voltando-se para Madame Antoinette, levantou uma colher pesada de prata que repousava sobre a mesa – sou levado a pensar se não se tratará de um daqueles objectos que o nosso amigo, o filósofo Lenoir, sargento de Sua Majestade, o Imperador Napoleão, tinha nas suas mãos, corria o ano de 1806... E lembro-me então, Madame, do nosso encontro na Alfstraße...

Madame Buddenbrook baixou os olhos e sorriu, meio embaraçada, meio perdida em recordações. Tom e Tony, na extremidade oposta da mesa, que não gostavam de peixe e seguiam a conversa dos adultos com toda a atenção, pediram quase em unísono:

– Oh, sim, avó, conte-nos lá a história!

Porém, como o pastor sabia que a avó não gostava de falar daquele episódio um tanto ou quanto desagradável, tomou ele próprio a palavra e voltou a narrar a historieta antiga que as crianças não se importariam de ouvir pela centésima vez e que talvez não fosse do conhecimento deste ou daquele convidado...

– De uma forma sucinta: imaginem uma tarde de Novembro, fria e chuvosa como tudo. Cumprida uma das minhas obrigações, subia eu a Alfstraße, pensando nos tempos sombrios que corriam. O príncipe Blücher fora-se embora, os franceses estavam na cidade, mas não se dava muito pelo clima de nervosismo que reinava. As ruas estavam mergulhadas em silêncio, as pessoas, por precaução, não saíam de casa. O açougueiro Prah! que, de mãos nos bolsos, desatara a gritar à porta de casa, com a sua voz de trovão: «Mas isto não se admite, isto não se...!», apanhara, assim sem mais nem menos, pum, um tiro na cabeça... Pensei, então, para com os meus botões: Vai lá ver os Buddenbrook, pode ser que precisem de uma palavra de consolo. O marido está de cama com erisipela e Madame terá decerto os seus problemas com o aquartelamento dos soldados em casa.

E então quem é que avisto, vindo na minha direcção, nesse preciso momento? A nossa ilustríssima Madame Buddenbrook. Mas fazem lá ideia do estado em que a nossa amiga vinha! Caminhava a passo apressado debaixo de chuva, sem chapéu, enrolada num simples xaile. Vinha mais a correr do que a andar, a *coiffure* no mais perfeito desalinho... Não, é a verdade, Madame, já nem de *coiffure* se podia propriamente falar...

– Mas que *surprise* agradável! – disse eu, tomando a liberdade de lhe tocar no braço, já que ela nem me vira. Pressenti que algo de mau se passara... – Mas onde vai com tanta pressa, minha boa amiga?

Ela notou a minha presença, olhou-me nos olhos e balbuciou:

– Ah, é o senhor... passe bem! É o fim! Vou atirar-me ao Trave!

– Deus nos livre e guarde! – disse eu, sentindo que empalidecia. – Nem pense em fazer uma coisa dessas, minha amiga! Mas o que sucedeu? – perguntei, segurando-lhe os braços com o máximo respeito.

– O que sucedeu? – repetiu ela, com o corpo a tremer. – Atiraram-se às pratas, Wunderlich, foi o que sucedeu! E Jean está de cama com erisipela e não pode fazer nada! E mesmo que estivesse bem, pouco poderia fazer!

Roubaram as minhas colheres, as minhas colheres de prata, foi o que sucedeu, Wunderlich, e eu vou atirar-me ao Trave!

Pois bem, retive a nossa amiga e disse-lhe o que se costuma dizer em casos semelhantes:

– *Courage*, minha senhora, tudo irá correr bem, vamos lá falar com essa gente. Acalme-se, por amor de Deus! Vamos lá falar com eles!

Acompanhei-a então, rua acima, até casa. Na sala de jantar depará-mos então com a milícia, exactamente como Madame a deixara, cerca de vinte homens debruçados sobre um baú enorme, onde se guardavam as pratas.

– Com qual dos senhores poderei trocar uma palavra? – perguntei com toda a delicadeza.

Todos começaram nesse momento a rir e a gritar:

– Ora, com todos nós, papá!

Porém, um deles avançou, um homem da altura de uma árvore, de bigode tingido de negro e mãos vermelhas enormes debaixo dos punhos adornados de galões. Avançou e apresentou-se:

– Lenoir – disse, fazendo a continência com a mão esquerda, já que a direita empunhava um feixe de cinco ou seis colheres de prata –, sargento Lenoir. Em que posso ajudá-lo?

– Senhor oficial! – disse eu, tendo em mira o *point d'honneur*. – Acha que a cena a que assistimos faz jus à sua ilustre patente? A cidade não ofereceu resistência ao imperador...

– Que se há-de fazer? – respondeu. – Estamos em guerra. Os homens precisam destas baixelas...

– Mas deveria tomar em consideração – atalhei eu, pois tivera de repente uma ideia – que esta senhora – disse, pois do que não nos lembramos em situações destas –, a dona desta casa, não é alemã. Ela é praticamente uma compatriota sua, uma francesa...

– Que diz? Uma francesa? – repetiu ele.

E sabem o que o velho guerreiro, aquele homenzarrão, ainda acrescentou?

– Uma emigrante, portanto? – concluiu. – Mas, nesse caso, é inimiga da filosofia!

Fiquei sem palavras, mas ainda consegui dominar o riso.

– O senhor – rematei – é, ao que vejo, um homem de espírito. Insisto, portanto: as coisas que aqui se passam parecem-me pouco dignas de uma pessoa como o senhor!

O sargento ficou calado durante uns segundos. Mas depois, corando repentinamente, atirou as seis colheres para dentro do baú e exclamou:

– Mas quem lhes disse que eu tinha outra coisa em mente senão examinar estas peças com um pouco mais de atenção?! Muito bonitas, sim senhor! Pode é acontecer que um ou outro soldado queira levar alguma coisa como recordação...

Pois bem, a verdade é que ainda levaram muitas recordações, quanto a isso de nada valia apelar à justiça humana ou divina... Aquele medonho homenzinho era decerto o único Deus que os homens conheciam...

5.

– CHEGOU A VÊ-LO, SENHOR PASTOR?

As criadas trocavam os pratos de novo. Sobre a mesa colocaram um enorme presunto cor de tijolo, fumado e cozido, acompanhado de um molho escuro e avinagrado à base de cebolinhas. Em travessas separadas foi servida uma quantidade colossal de legumes variados – a dizer a verdade, uma travessa teria bastado para saciar todos os convivas. Lebrecht Kröger chamou a si a tarefa de trincar a carne. Com os cotovelos ligeiramente erguidos e os indicadores compridos colocados nas costas da faca e do garfo, começou a cortar com prudência as fatias suculentas. Tão-pouco faltou à refeição a especialidade da consulesa Buddenbrook, a sua «panela russa», uma conserva de frutas com licor, aromatizada e picante...

Não, o pastor Wunderlich, por infelicidade, nunca se encontrara com Bonaparte. No entanto, tanto o velho Buddenbrook como Jean Jacques Hoffstede haviam estado com ele frente a frente, o primeiro em Paris, pouco antes da campanha russa, por ocasião de uma parada no pátio do palácio das Tulherias, o outro em Danzig...

– Meu Deus, aspecto agradável é que ele não tinha – observou Hoffstede, ao mesmo tempo que, de sobrolho erguido, enfiava na boca uma garfada de carne, couve-de-bruxelas e batata. – Dizem, de resto, que levou uma existência bastante animada em Danzig. Na altura, contava-se uma história muito engraçada... Napoleão passava o dia em jogos de azar com os alemães, arriscando até somas bastante consideráveis. Porém, à noite, jogava com os seus generais. «*N'est-ce pas, Rapp* – disse um dia, agarrando num punhado de moedas de ouro que se achava sobre a mesa –, *les Allemands aiment beaucoup ces petits Napoléons?*» – «*Oui, Sire, plus que le Grand!*»<sup>1</sup> – terá respondido o tal Rapp...

<sup>1</sup> – Não é verdade, Rapp, que os alemães gostam muito destes pequenos napoleões?  
– Sim, Majestade, muito mais do que do Grande! (Em francês no original.) (N. da T.)

No meio das gargalhadas que a piada provocara – pois Hoffstede contara a história com muita graça, imitando até, em parte, a expressão fisionómica do Imperador –, ouviu-se a voz do velho Buddenbrook:

– Bem, fora de brincadeiras, a envergadura da sua pessoa merece-me todo o respeito... Que personalidade!

O cônsul abanou a cabeça, num gesto grave.

– Não, não, nós, a geração mais nova, não podemos aceitar que um homem que assassinou o duque de Enghien e massacrou oitocentos prisioneiros no Egipto possa ser venerado...

– Possivelmente tudo isso não passa de exagero e deturpação – sentenciou o pastor Wunderlich. – Quem sabe se o duque não era um homem imprudente e subversivo e se a execução dos ditos prisioneiros não resultou da decisão ponderada e imperiosa de um correcto conselho de guerra...

E referiu-se a um livro que lera, publicado havia alguns anos, escrito por um dos secretários do Imperador, obra que merecia a melhor das atenções...

– Seja como for – insistia o cônsul, ao mesmo tempo que espevitava uma vela que tremeluzia no castiçal à sua frente –, não compreendo que se admire, que se venere, um monstro desses! Como homem cristão que sou, como homem de princípios religiosos, não encontro lugar no meu coração para sentimentos desse género.

Inclinara a cabeça um pouco para o lado, ao mesmo tempo que explicava as suas razões, e a sua fisionomia ganhara uma expressão taciturna e exaltada. Por outro lado, tinha-se a nítida impressão de que o pai e o pastor trocavam entre si um sorriso disfarçado.

– Pois é – gracejou Johann Buddenbrook –, mas, em todo o caso, os pequenos napoleões não eram nada maus, não é verdade? O entusiasmo do meu filho vai mais para Louis Philippe<sup>1</sup> – acrescentou.

– Entusiasmo? – repetiu Jean Jacques Hoffstede, com alguma ironia na voz. – Que combinação curiosa! Philippe Égalité e entusiasmo...

– Bem, a meu ver, temos mesmo muito a aprender com a Monarquia de Julho... – o cônsul falava com fervor e gravidade. – A relação amistosa e profícua que o constitucionalismo francês mantém com os novos ideais pragmáticos e com os interesses da nossa época... é algo de verdadeiramente notável...

– Ideais pragmáticos... pois é... – O velho Buddenbrook brincava com a caixinha dourada de rapé, concedendo uma pausa às maxilas. – Ideais

<sup>1</sup> Luís Filipe II de Orleães (1747-1793), também conhecido por Philippe Egalité, era primo de Luís XVI de França. Apoiou fervorosamente a Revolução Francesa e os ideais do liberalismo. Acabou, contudo, por ser condenado à guilhotina durante o período do terror. (*N. da T.*)

pragmáticos... não, não me parece, não é coisa para mim! – Começara a falar dialecto, por descontentamento. – Por todo o lado nascem agora, como cogumelos, institutos industriais e técnicos, bem como escolas comerciais, e, de repente, o liceu e a formação clássica são considerados *bêtises*. As pessoas só pensam em minas... e na indústria... e em ganhar dinheiro... Ótimo, tudo isso é ótimo! Mas, por outro lado, quando se pensa em termos futuros, é também de uma grande estupidez, não é verdade? Não sei, mas estas coisas deixam-me fora de mim... Não liguês às minhas palavras, Jean... A Monarquia de Julho é uma coisa excelente...

O senador Langhals, bem como Grätjens e Köppen, defendiam, contudo, o partido do cônsul... Era verdade, era necessário ter um verdadeiro respeito pelo governo francês e pelos esforços que surgiam na Alemanha no mesmo sentido... O senhor Köppen voltava a não pronunciar os ditongos, dizendo «verdadeiro respeito». As faces haviam-se tornado ainda mais vermelhas durante a refeição e arfava ruidosamente. A tez do pastor Wunderlich conservava, porém, a sua alvura e os seus traços mantinham-se delicados e expressivos, apesar de ir esvaziando, com toda a serenidade, um copo atrás do outro.

As velas ardiam lentamente, com todo o vagar. De vez em quando, quando uma corrente de ar fazia tremular agitadamente a chama, pairava um leve cheiro a cera no ar, por cima da mesa da sala de jantar.

Estavam sentados à volta da mesa, em cadeiras pesadas e de encosto alto, saboreando comida boa e pesada, servida em pesada baixela de prata, acompanhada de um vinho excelente e pesado, deixando discorrer as suas opiniões sobre este e aquele assunto. Passado pouco tempo, o tema da conversa já girava em torno dos negócios, passando-se, quase inconscientemente, para o dialecto, essa forma de falar mais cómoda e indolente que parece reunir em si a concisão da linguagem comercial e a displicência própria da gente abastada. Os convivas chegavam mesmo a exagerar a sua expressão dialectal, entre sorrisos de auto-ironia e de satisfação despreendida.

As senhoras não haviam dispensado muita atenção à disputa. Era Madame Kröger quem tinha a palavra e que explicava, de uma forma que fazia crescer água na boca, a melhor maneira de preparar carpas em vinho tinto...

– Depois de muito bem cortadas em postas idênticas, devem, minhas amigas, colocá-las numa caçarola com cebola, cravinho e pão torrado. Levem depois tudo ao lume com uma colher de açúcar e uma noz de manteiga... O importante é não as lavar, mas cozinhá-las com o sangue, é esse o segredo...

O velho Kröger contava as piadas mais engraçadas de que se lembrava. O filho, o cônsul Justus, sentado ao lado do doutor Grabow ao fundo da

mesa, perto das crianças, havia iniciado um diálogo zombeteiro com a menina Jungmann, que respondia piscando os seus olhos castanhos e agitando levemente a faca e o garfo que ela, por hábito, mantinha erguidos no ar. Até mesmo o senhor e a senhora Oeverdick falavam alto e efusivamente. A velha consulesa inventara um novo nome carinhoso para o marido: «Meu bichano fofinho!», dizia ela, e a touca, no alto da cabeça, tremia de ternura.

Os vários temas de conversa transformaram-se num único apenas, no momento em que Jean Jacques Hoffstede começou a falar do seu assunto dilecto, a viagem a Itália que ele fizera com um parente rico de Hamburgo, há cerca de quinze anos atrás. Discorreu sobre Veneza e Roma, o Vesúvio e a *villa* Borghese, onde o falecido Goethe escrevera parte do seu *Fausto*, mostrou-se deslumbrado com as fontes renascentistas e a sua magnífica frescura e ainda com as alamedas bem tratadas onde se podiam dar os passeios mais aprazíveis. Foi nessa altura que alguém mencionou o enorme jardim abandonado que os Buddenbrook possuíam mesmo atrás do Burgtor...

– Sim, tem toda a razão – aquiesceu o ancião. – Ainda hoje me sinto mal por, naquela altura, não me ter resolvido a mandá-lo arranjar como devia ser! Passei por lá há pouco tempo – é uma verdadeira vergonha aquela selva! E que bela propriedade poderia ser, se a relva estivesse tratada e as árvores fossem convenientemente podadas, em forma de cone ou de cubo...

Mas o cônsul protestou com veemência.

– Por amor de Deus, papá! Como eu adoro passear, no Verão, por aquele matagal! Mas tudo perderia para mim o encanto, se a natureza, bela e livre, fosse ridiculamente aparada e podada...

– Pertencendo-me, todavia, essa bela e livre natureza, não terei eu porventura o direito de mandar arranjá-la a meu bel-prazer...?

– Ah, meu pai, quando eu me deito na erva alta, debaixo das silvas frondosas, tenho mais a impressão de ser eu a pertencer à natureza do que a ter qualquer direito sobre ela...

– Christian, não comas tanto – ordenou, de súbito, o velho Buddenbrook. – À Thilda não faz mal nenhum... a miúda come por sete homens...

E, na realidade, eram espantosas as capacidades que aquela criança magra e lacónica, com o seu rosto comprido de velha solteirona, desenvolvia quando colocada diante de um prato de comida. Quando lhe perguntaram se queria repetir a sopa, respondera com palavras arrastadas e submissas: «Sim, por fa-vor.» Repetira igualmente o peixe e o presunto, servindo-se sempre das maiores postas ou fatias e de enormes quantidades do respectivo acompanhamento, devorando tudo de seguida, inclinada sobre o prato, miope e